



o perguntador de hoje é o gênio de amanhã

Se a criatividade é uma das competências mais procuradas nos profissionais contemporâneos, por que a tolhemos nas nossas crianças?

CURIOSIDADE E ABERTURA AO NOVO



EDUCAÇÃO

o perguntador de hoje é o gênio de amanhã

curiosidade e abertura ao novo

Se a criatividade é uma das competências mais procuradas nos profissionais contemporâneos, por que a inibimos nas nossas crianças?

"A cura para o tédio é a curiosidade. Não existe cura para a curiosidade"
Ellen Parr

A criatividade depende da curiosidade e da abertura ao novo	3
A curiosidade e a mente aberta das crianças	4
Por que precisamos nos atentar a isso?	6
Vamos preservar essas mentes abertas e curiosas?	7
Como estimular no dia-a-dia da sala de aula?	8
Para finalizar...	10

Hoje a nossa conversa é sobre o primeiro tema das **Perguntas do Zeca**, nosso assistente virtual. Ele interage com os professores para incentivar e facilitar a coleta de informações socioemocionais dos alunos, e o foco desta semana são a **Curiosidade** e a **Abertura para o Novo**.

A criatividade depende da curiosidade e da abertura ao novo

Vamos começar com uma desmistificação: você sabia que todos os seres humanos são, naturalmente, criativos? Isso mesmo. Enquanto sociedade, costumamos relacionar a criatividade às pessoas que desenvolvem trabalhos mais ligados à arte, como a pintura, a música e a escrita - mas os engenheiros, que estão lá imaginando soluções para uma construção, por exemplo, também estão utilizando a criatividade. Os biomédicos e farmacêuticos, pensando e criando fórmulas para melhorar a nossa qualidade de vida, vejam só, também estão usando a criatividade.

Uma sociedade não criativa não consegue andar para a frente e a criatividade está diretamente ligada com a curiosidade. Todos os campos de trabalho precisam da curiosidade, da procura por respostas para problemas que o dia-a-dia apresenta. É a curiosidade que estimula os mecanismos criativos, atizando-os a solucionar desafios.

A abertura para o novo também está diretamente ligada à criatividade. Todas as inovações e avanços nascem de alguém que enfrenta o que já existe, propondo algo que antes não havia sido pensado e questionando regras já estabelecidas. Infelizmente, a sociedade abarca uma grande quantidade de pessoas com mentes fechadas, que se agarram com todas as forças à zona de conforto e aos modelos de pensamento e atitudes já existentes e se fecham para as novas possibilidades por acreditarem que tudo o que se distancia dos padrões já estabelecidos é errado.

Segundo a neuropedagoga **Bianca Melo**, o desenvolvimento humano possui períodos críticos do ponto de vista neurobiológico, nos quais o cérebro passa por processos intensos de reorganização. Um desses períodos consiste nos primeiros anos da infância, quando ocorre a aquisição da linguagem, e o outro ocorre durante a adolescência.

“Em síntese, esses processos acontecem por meio da poda neural: ou seja, da eliminação dos neurônios menos utilizados. Isso tem o benefício de tornar mais eficientes os caminhos neurais mais utilizados, e então, na prática, os conhecimentos e comportamentos mais acessados entre essas fases da vida são os que estão sendo pavimentados para a vida adulta. Estimular constantemente a curiosidade e a criatividade das crianças e dos adolescentes contribui de forma extremamente significativa para que eles se tornem adultos criativos e curiosos, abertos a observar problemas de diversas perspectivas e construir, então, as próprias soluções. Em contrapartida, coibir o comportamento criativo e espontâneo da criança e do jovem resulta no efeito oposto: cria-se no cérebro a dependência aos modelos considerados padrões e corretos, prejudicando suas capacidades naturais de adaptação a circunstâncias diversas e a aceitação do novo”

A curiosidade e a mente aberta das crianças

“A velhice começa quando se perde a curiosidade”

José Saramago

Crianças pequenas costumam perguntar “por que?” para tudo que não acham óbvio. E elas estão certíssimas porque a vida, o universo e as convenções sociais não são nada óbvios e na verdade os adultos só param de se perguntar as mesmas coisas por diversos motivos: o fato de que aprenderam e sistematizaram são os mais nobres deles; os menos nobres são a acomodação e o costume. [Por que o céu é azul? Por que os cachorros não falam? Por que a gente não consegue voar?](#)

Crianças são naturalmente curiosas. Carregam uma vontade legítima de descobrir sobre tudo o que as cerca e criar outras realidades mas muitas vezes são tolhidas porque já estamos tão confortáveis com os padrões e respostas pré existentes, mesmo que eles não façam (mais) tanto sentido. Como evitar que isso aconteça?

A pedagoga **Ana Caroline Lima**, especializanda em práticas de ensino, observa que, no meio do acirrado cronograma escolar a cumprir, parece sobrar pouco tempo para dar corda para as divagações dos alunos, que realmente seriam capazes de se estender [por horas](#) em questionamentos e suposições que muitas vezes são pertinentes para a vida. O fato das instituições e profissionais de educação também serem tão cobrados por resultados rápidos e objetivos acaba fazendo com que precisem focar no conteúdo programático regular de forma tão afoita que o trabalho subjetivo da estimulação criativa acaba sendo deixado de lado.

“Enquanto professores, precisamos fazer o possível para não deixar isso acontecer, lembrando que a criatividade deve ser trabalhada o tempo todo, e não apenas em aulas específicas como as de educação artística, que, por sua vez, também tem seus cronogramas. Atualmente eu trabalho como professora particular, com crianças que apresentam necessidades educativas especiais, e eles são muito criativos! O que eu faço é tentar encaixar essa criatividade deles dentro do contexto que estamos estudando. Um dos meus alunos, por exemplo, é um desenhista nato e tem dislexia, o que faz com que ele tenha muita dificuldade para escrever. O que eu faço na hora de avaliá-lo? Coloco ele para desenhar sobre os contextos que estamos estudando. Depois de fazer os desenhos do jeito que ele quer, usando todas as cores e formatos, peço para que ele me explique oralmente o que foi que ele desenhou. Funciona muito mais do que se eu ficasse desesperada, forçando-o a escrever e avaliando-o apenas por isso”.

Por que precisamos nos atentar a isso?

Já falamos [aqui](#) no blog que, segundo pesquisas, a maior parte das crianças e jovens que estão atualmente na vida escolar trabalharão, no futuro, com profissões que ainda sequer existem. Com a tecnologia avançando cada vez mais, o que vai diferenciar as pessoas das máquinas são nossas competências mais humanas, e a criatividade é o elemento fundamental por trás delas.

Uma [pesquisa](#) realizada pela Universidade da Califórnia, que acompanhou 107 alunos ao longo de 27 anos, revelou como a curiosidade atua no processo de aprendizagem, potencializando-o e tornando-o mais prazeroso e gratificante. Crianças e jovens curiosos têm **vontade de aprender**, e essa vontade está diretamente ligada ao sucesso no desempenho acadêmico.

Segundo as novas diretrizes da BNCC, a macro potência da **Abertura ao Novo** diz respeito à capacidade de uma pessoa ser flexível, apreciativa diante de situações desafiadoras, incertas e complexas. Tem relação com a disposição para novas experiências estéticas, culturais e intelectuais, e estudos relacionam o desenvolvimento das competências socioemocionais **curiosidade para aprender**, **imaginação criativa** e interesse artístico com menor número de faltas na escola, avanço na escolaridade, aceleração do desenvolvimento de habilidades cognitivas, aumento das notas escolares e aumento do desempenho acadêmico nos componentes curriculares de Língua Portuguesa, História, Geografia, Física e Biologia. O desenvolvimento dessas competências socioemocionais também está relacionado à realização de metas na futura vida profissional dos estudantes.

Vamos preservar essas mentes abertas e curiosas?

Para trabalhar essas competências com crianças menores, brincadeiras ao ar livre e contato com a arte e a ciência são imprescindíveis, bem como instigá-las a continuarem sempre fazendo suas perguntas e pensando nas próprias suposições. Quando uma criança fizer, por exemplo, a temida pergunta sobre de onde vem os bebês, que tal perguntar de volta: de onde você acha que vem os bebês? Elas vão expandir seus pensamentos e criar respostas inimagináveis pelos adultos. Isso é a fórmula da curiosidade gerando criatividade funcionando bem na frente dos nossos olhos. Não é mágico?

Juliana Wisneski é professora de ballet, e conta que suas turmas de crianças de 2 a 6 anos de idade trazem para a aula um material criativo incrível, e que ela faz de tudo para incorporar as ideias das alunas ao conduzir as atividades. Ela conta que se não for através do lúdico elas não fazem nada, então as técnicas de dança são trabalhadas através de músicas do cotidiano delas e muitos objetos como varinhas, cestas, flores e corações, entre outros. Quando elas percebem que as ideias delas estão sendo usadas na aula, ficam encantadas e querem participar e colaborar ainda mais com o processo.

“Uma atividade que eu faço bastante com elas é montar uma roda, começar a contar uma história e propor que cada uma continue a história de onde parou, seguindo o círculo. Depois de contada a história, temos que dançá-la! Elas amam sentir que fizeram parte da criação da trama e dançam super animadas, como se estivessem realmente com orgulho do trabalho feito”

Com crianças mais velhas e com os adolescentes, é bacana estar sempre inventando novas maneiras de fazer algo rotineiro, deixando que elas opinem sobre isso e sugiram também essas formas diferentes de fazer. Incentive-os a continuar questionando tudo o que os rodeia, ao invés de simplesmente aceitarem. Proponha exercícios que estimulem a curiosidade e a criatividade, e até dinâmicas como rodas de perguntas e conversas. Deixe claro, sempre, que nenhuma pergunta ou ideia é

boba: o medo e a vergonha de errar são sintomas de que a curiosidade está correndo perigo.

É um estado de alerta também perceber quando as crianças começam a torcer o nariz para o novo. Para manter suas mentes abertas, esteja sempre estimulando-os a sair da zona de conforto ao invés de simplesmente aceitar e mergulhar nela; tenha sempre em mente que algo diferente é simplesmente diferente, não pior, e deve ser enxergado sem pré-julgamentos. Trabalhar a diversidade e a desconstrução de preconceitos é um ótimo caminho para essa abertura.

Juliana também vivencia esse capítulo do processo, quando dá suas aulas para as crianças de 9 e 10 anos:

“Algumas já estão na fase da pré-adolescência e ficam com muita vergonha de fazer algo que as amigas vão julgar. Algumas também já tem bastante vergonha do próprio corpo, que está em processo de transição. Se fecham e não querem fazer nada, pois se sentem muito expostas. São nesses momentos que eu escolho alguma música e sugiro que naquele dia elas tem que montar a coreografia sozinhas, com duas regras: todas precisam ajudar e todas as ideias são bem vindas. Elas brigam, gritam, se descabelam e levam a aula toda, mas no fim sai uma coreografia da qual elas se orgulham de terem criado e têm prazer em executar. Nesses momentos também eu procuro deixar de lado um pouco da técnica, para não inibi-las com possíveis correções. Tudo tem seu tempo, e exercitar a criatividade é o mais importante para deixar a timidez de lado”.

Como estimular no dia-a-dia da sala de aula?

Conversamos com duas professoras que fazem trabalhos incríveis com seus alunos e elas falaram um pouco sobre seus projetos, que podem servir de sugestão!

A professora de espanhol Marília Fernandes, que trabalha com adolescentes do 6º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio, percebe a diferença que faz prestar atenção nas demandas dos alunos. Ela conta que inserir a disciplina no

contexto deles ajuda muito a aguçar a curiosidade da turma e fazer com que se abram para aprender. Por isso, ela sempre procura saber o que eles andam assistindo, lendo e em quais temas estão interessados, aproveitando para criar ganchos entre seus cotidianos e o conteúdo visto em sala de aula.

Formada em letras, ela também aproveita bastante a literatura para criar projetos e sugerir reflexões e discussões, além de, com isso, incentivar a leitura e desmistificar os “livros difíceis” de vestibular, inserindo, pouco a pouco, os clássicos literários no dia-a-dia dos alunos.

“Conduzi um trabalho muito interessante baseado no clássico Bartleby, o escrivão, do Melville. O livro é sobre um homem que, de repente, decide que não vai fazer mais nada. Então ele nega todos os pedidos de seu chefe no escritório e também, aos poucos, começa a se negar a fazer qualquer de suas atividades diárias, parando de comer e de tomar banho. Para refletir sobre esse personagem com a turma, dividi todos em grupos e sorteei redes sociais para cada um deles. Então os alunos criaram um facebook, um twitter, um Instagram e um canal no Youtube para o Bartleby e exercitavam pensar como ele para entendê-lo e imaginar o que ele postaria nessas redes, em como seria sua existência no século XXI. A experiência foi sensacional, os alunos receberam com muita animação e conseguimos trabalhar, em um só projeto, a literatura, as doenças emocionais, o comportamento nas redes sociais e, é claro, a língua espanhola sendo usada no cotidiano, já que eles precisavam usar as redes no espanhol.”

A filósofa **Luanda Julião**, por sua vez, leciona para alunos de ensino médio na Escola Estadual Visconde de Itaúna, em São Paulo, e desenvolveu com os adolescentes um livro chamado **Versos Livres**, que chegou a ser publicado pela Editora Patuá. É um livro de poemas escritos pelos alunos e trabalhados em sala de aula, que eles criaram em cima de situações difíceis que enfrentam ou já enfrentaram. Surgiram temas como depressão, ausência paterna, abuso sexual, entre outros - e tendo a oportunidade de criar em cima disso, não só os alunos trabalharam essas questões tão delicadas mas também exercitam, enquanto turma, a empatia e a criatividade.

“A ideia do livro surgiu em abril de 2018, enquanto eu observava meus alunos. Percebi que eles adoravam brincar no intervalo fazendo batalhas de rimas, muitos deles sonham em

ser rappers. Prestando atenção nessas batalhas, mesmo de longe, reparei que eles compunham poesias nelas! Eram muito mais poetas que rappers. Sugeri que começassem a anotá-las e me entregassem. De início era para ser um projeto pequeno, sem grandes pretensões, mas ele cresceu e chamou a atenção da escola, de forma que eu resolvi começar a procurar uma editora que topasse publicá-lo em forma de livro. Acho que não preciso nem dizer como os alunos ficaram empolgados com a ideia né? Quando a Patuá topou a publicação, organizamos até lançamento dentro da escola, com a presença dos pais. Além de trabalhar a criatividade, eles puderam sentir muito orgulho do trabalho que fizeram, e isso afeta bastante na construção da autoestima e da segurança.”

Para finalizar...

Ufa! Acho que entendemos que, realmente, é a criatividade que faz o mundo girar - e que se as crianças já nascem com ela, o mínimo que nós podemos fazer é não inibi-las. Os pais e professores estão diretamente ligados à esse processo, e o ideal é trabalharmos todos juntos no incentivo a essas pequenas mentes curiosas e borbulhantes. Quem sabe daqui há alguns anos não são delas que sairão a cura para a Esclerose Múltipla e os pratos “auto-limpantes”? Brincadeiras a parte, esse trabalho já terá um grande êxito se criarmos uma geração de adultos que tenha confiança para inovar e se adaptar com o novo.

O tema da próxima Semana do Zeca é a aceitação de regras e limites. Esperamos você para continuar esse papo, é só ficar de olho no nosso blog. Se você acha que alguém pode se beneficiar com esse conteúdo, não se esqueça de compartilhar!

*“Não tenho nenhum talento especial, só tenho paixão em minha curiosidade”
Albert Einsten*